

## LEMNOS E DRÉPANE: A VOZ POLITICA DAS MULHERES EM APOLÓNIO DE RODES

Ana Alexandra Alves de Sousa

Universidade de Lisboa

[sousa1@campus.ul.pt](mailto:sousa1@campus.ul.pt)

A *Argonáutica* de Apolónio de Rodes surge numa época de grande desenvolvimento científico e académico<sup>1</sup>; os autores clássicos são estudados, comentados, analisados na biblioteca de Alexandria, a qual o próprio Apolónio terá dirigido. O poema enquadra-se no Egito ptolemaico, tenha sido concluído no reinado de Ptolemeu II (283-246 aC) ou de Ptolemeu III (246-221 aC)<sup>2</sup>.

A busca do velo de ouro imposta a Jasão leva um grupo de jovens gregos ao país daqueles que Heródoto apresenta como descendentes dos egípcios (Hdt. 2.104): os colcos. Não nos parece que haja no tratamento do mito dos argonautas em Apolónio influência específica desta ideia do historiógrafo. Na verdade, Eetes, o rei colco, parece representar mais um modelo de governação possível do que ser uma imagem dos Ptolemeus. No entanto, a associação dos egípcios aos colcos, sem dúvida conhecida pelos estudiosos de Alexandria, que se ocuparam da obra Heródoto, dividindo-a em nove livros, pode ter motivado Apolónio a escolher o mito e a dar-lhe um valor político<sup>3</sup>.

Os distintos exemplos de governação no poema – um Eetes irascível, belígero e antidiplomático, e um Alcínoo pacífico, conciliador e diplomático – podem servir para sugerir uma reflexão aos governantes ptolemaicos, que eram gregos de genealogia, mas que se divinizavam, à maneira dos Faraós egípcios<sup>4</sup>. Ptolemeu Sóter, o primeiro dos reis ptolemaicos, era oriundo da Macedónia, e toda sua a dinastia foi helénica, tanto no sangue como na cultura. Terá talvez Apolónio querido, com o seu poema, convidar os

---

<sup>1</sup> Passaram pela famosa biblioteca de Alexandria figuras como Euclides, na geometria (época de Ptolemeu D); Arquimedes (c.287-c.212 aC), na matemática e física; Aristarco (c.310- c.230 aC), na astronomia, com a teoria do heliocentrismo; Herófilo (c.335-c.280 aC), na anatomia, com a distinção entre cérebro e cerebelo, o reconhecimento dos ovários, das trompas de Falópio, do duodeno, do pâncreas e da próstata. Sobre a biblioteca cf. MacLeod (2000) e Brazil (2000).

<sup>2</sup> Sobre a datação do poema cf. Murray (2014).

<sup>3</sup> Na atribuição de uma mensagem política à *Argonáutica* destacamos os estudos de Mori (2001 e 2008).

<sup>4</sup> Sales (2017) estuda as moedas do reino ptolemaico e analisa os atributos da sua divinização, no anverso, sempre virados para a direita (e.g. a égide de Atena no pescoço de Ptolemeu Sóter), e os símbolos de divinização, no reverso, sempre virados para a esquerda (e.g. a águia, a ave de Zeus que se tornou num símbolo do próprio Egito). Os *soteria*, por exemplo, seriam festivais religiosos em honra de Ptolemeu I; cf. Stephens (2010: 57). Sobre o estatuto divino do rei ptolemaico cf. Pomeroy (1990: 12).

Ptolemeus a refletir sobre o lugar que queriam ocupar: se o de um egípcio/colco Eetes, se o de um macedônio/grego Alcínoo. Pois, na realidade, o seu lugar era ambíguo.

Mas não são apenas as figuras masculinas dos soberanos que sobressaem. No poema duas rainhas assumem um papel importante na gestão do reino: Hipsípila e Arete. O termo *δέσποινα* serve para designar estas duas personagens, sublinhando assim a relação que existe entre elas (1.790; 4.1113)<sup>5</sup>. A primeira governa Lemnos e encontra-se na viagem de ida<sup>6</sup>; a segunda é rainha de Drépane (atual Corfu) e situa-se na viagem de regresso<sup>7</sup>.

Assim, enquanto os reis ptolemaicos encontram na *Argonáutica* modelos políticos, as rainhas, nomeadamente Arsínoe II, como pretendemos mostrar, podem ver no poema uma homenagem à forma eficaz como desempenham funções públicas. Na verdade, o destaque dado pelo poeta a Hipsípila e Arete, além de honrar as rainhas ptolemaicas, reflete um mundo em que ao feminino cabem iniciativas de grande impacto social e político.

### 1. Lemnos: a voz política de Hipsípila

Lemnos era governada há um ano por mulheres apenas; as lémnias tinham matado os maridos e toda a população do sexo masculino, quando se sentiram sexualmente repudiadas por aqueles com quem tinham desposado (1.609-619). O narrador, comparando-as às Tíades, diz que se muniram de armas ao avistarem os argonautas<sup>8</sup>. Na verdade, elas viviam em sobressalto, cientes da atrocidade que haviam cometido<sup>9</sup>.

Uma das suas fragilidades é referida por Polixo: a condenação à fome quando já não houvesse quem tivesse força para lavrar os campos (1.683-8). A anciã, fazendo uso da retórica, a “arma” política mais valorizada no poema, convence as mulheres a alterarem

---

<sup>5</sup> Na *Odisseia* o lema também aparece exclusivamente para designar rainhas: Eurídice, mulher de Nestor, rei de Pilo (3.403), Arete (7.53, 347) e Penélope (14.9, 127, 451; 15.374, 377; 19.83; 23.2). No poema de Apolónio o termo não tem mais ocorrências.

<sup>6</sup> Oliveira (2013) analisa o episódio das mulheres de Lemnos em Apolónio de Rodes e Valério Flaco, situando-o precisamente no âmbito político. Pretende o estudioso (2013: 144) assinalar “o perigo da intromissão do feminino na esfera do masculino, especificamente na organização social e política”. Ao contrário do que fazemos na nossa análise em relação à versão de Apolónio, Oliveira não relaciona o episódio com a época de nenhum dos poetas e chega a conclusões diferentes das nossas.

<sup>7</sup> Mori (2001) estudou o papel político de Arete em Apolónio de Rodes, relacionando a personagem com as figuras das rainhas ptolemaicas. No entanto, a sua análise das palavras de Arete a Alcínoo difere da nossa, como veremos. Desta divergência advém uma leitura diferente do papel político da rainha.

<sup>8</sup> Clare (2002: 181) comenta o contraste que existe entre esta postura defensiva, tipicamente masculina, e as imagens das Tíades, a que as lémnias são comparadas: “the extremity of the male response of these females may only be adequately expressed in feminine terms”.

<sup>9</sup> Diz Hipsípila: “perpetrámos uma ação desmedida” (1.662). O próprio narrador comenta a chacina levada a cabo, apostrofando-as da seguinte maneira: “Ó frívolas vítimas do ciúme, lamentavelmente insaciáveis!” (1.616). Todas as traduções da *Argonáutica* são da nossa autoria.

o seu plano inicial, que consistia em manter os argonautas longe das muralhas da cidade. Deste modo, surge uma nova estratégia, a de convidar aqueles a entrar nos seus leitos. Esta sobrevivência pessoal, inserida num cuidado com o bem-estar coletivo<sup>10</sup>, tem um alcance mais amplo: significará a continuação de uma comunidade, que estava condenada a perecer por ter apenas mulheres. E Hipsípila, como rainha que é, não pode deixar de ter isso presente, quando aceita a decisão do seu conselho.

Jasão reflete sobre a vantagem de ter descendentes de Hipsípila, quando lhe pede, receoso de perecer na missão, que, se lhe nascer um rapaz, o envie a Iolco para tratar dos avós (1.905-907). Mas a sua preocupação é exclusivamente pessoal: o amparo dos pais é apenas o que está em causa. No caso das mulheres de Lemnos, é a sobrevivência do reino que elas estão a assegurar. A partir do momento em que a rainha aceita o plano de Polixo, este torna-se uma estratégia política. Gerar filhos do sexo masculino, embora nenhuma das mulheres de Lemnos o diga, permitiria ainda reforçar a força política do reino.

A capacidade de Hipsípila em gerir o reino confirma-se quando oferece o trono a Jasão: primeiro, à sua chegada (1.827-829) e depois, no momento da partida, ao deixar em aberto a possibilidade de o argonauta vir um dia a governar Lemnos (1.890-892). Ao enunciar este convite, a rainha valoriza a figura do rei, que coloca a seu lado. O reino de Lemnos seria governado por um rei, Jasão, e uma rainha, Hipsípila, tal como Drépane era governada por Alcínoo e Arete, e o Egito ptolemaico por Ptolemeu II e Arsínoe II. De facto, o privilégio real de governação é referido como sendo masculino. Hipsípila diz a Jasão: “receberás um privilégio/que era de Toas, meu pai” (1.828-9).

A presença de um soberano não retira, aliás, capacidade de atuação à mulher. Lembremos que não foi a governação de Toas que impediu as mulheres de Lemnos de ter espírito crítico, capacidade de decisão e coragem para atuar, quando se sentiram repudiadas pelos maridos. A proposta da rainha a Jasão enquadra-se num mundo em que o homem é publicamente o chefe da comunidade. Esta oferta política confirma assim a capacidade governativa de Hipsípila.

Os próprios factos da história demonstravam que a sustentabilidade da força política de uma mulher dependia da figura masculina. Em 281/0 aC Arsínoe, viúva de Lisímaco, rei da Trácia, decidira casar com o seu meio irmão Ptolemeu Cerauno para manter a sua

---

<sup>10</sup> Oliveira (2013: 149) enquadra o objetivo de Polixo, em termos políticos, “nos lemas da *γηροτροφία* ou *γηροβοσκία* e da *σωτηρία*”.

posição no reino<sup>11</sup>. Não obstante os avisos do filho mais velho, confiou nos juramentos feitos por Ptolemeu no templo de Zeus, entre os quais ele lhe prometera, segundo narra Justino, que partilharia o reino com os filhos dela, contra os quais nunca combateria<sup>12</sup>. Ao criticar a permanência dos argonautas na ilha<sup>13</sup>, Héracles considera que o objetivo da cópula de Jasão e de Hipsípile era o de ter filhos do sexo masculino<sup>14</sup>:

Deixai-o passar o dia inteiro no leito de Hipsípile, até que povoe Lemnos  
com crianças do sexo masculino e a grande notícia chegue a todo o lado.

(1.873-4)

Héracles resolve, ainda que a longo prazo, quer o problema da sucessão quer a necessidade de proteção bélica do reino. Raciocina de acordo com o modelo de herói que representa<sup>15</sup>: aquele que, tal como Idas (3.556-563), repudia a forma fácil como os argonautas cedem a Cípris. Aliás a sua inexcedível força física<sup>16</sup>, graças à qual conduz sozinho a nau (1.1161-ss), é reconhecida pelos companheiros que a veem como meio de superação de quaisquer obstáculos (2.146).

Poderia pensar-se que as mulheres de Lemnos não teriam o mesmo entendimento que Héracles acerca da importância do masculino na defesa do reino, já que o narrador diz que se habituaram melhor à guerra e à lavoura do que ao tear:

Para estas mulheres criar manadas de bois,  
vestir armas de bronze, abrir sulcos nos campos de trigo  
era mais fácil do que os trabalhos de Atena,  
com que sempre se ocuparam anteriormente. (1.627-30)

Não há obviamente hipótese de que o esforço físico inerente a atividades como a criação de gado, a agricultura ou a guerra, seja menor do que o da tecelagem, mas do passo ressalta a vontade de a mulher deixar de ser uma Penélope: é o modelo feminino tradicional que o poeta coloca em causa. Na realidade, as lémnias, quando avistam a nau Argo e vestem as armas de guerra, pensando que seriam os trácios que se vinham vingar, estão dominadas pelo medo:

Sem saída para a sua desgraça e privadas de voz  
puseram-se a correr, tal era o medo que sobre elas balançava (1.638-9)

---

<sup>11</sup> Hammond e Walbank (1988: 247-249).

<sup>12</sup> Just. *Epit.* 24.2.4.

<sup>13</sup> Cf. Finkemann (2015).

<sup>14</sup> Como sublinha Hunter (1993: 34-5), a crítica de Héracles é irónica. Na verdade, Jasão está apenas a seguir o exemplo de Héracles, que, mais do que qualquer outro herói, povoou a terra de descendentes.

<sup>15</sup> Sobre a figura de Héracles remetemos para o recente estudo de Júnior (2018).

<sup>16</sup> No início da viagem é expressiva a sinédoque: “No meio sentavam-se Anceu e a enorme força de Héracles” (1.531).

É legítimo deduzir, portanto, que valorizassem, por razões de segurança, a presença de homens no seu reino. E o convite de Hipsípila a Jasão, no sentido de receber o cetro real de Lemnos, é o reconhecimento da necessidade de uma figura masculina na governação. Se assim não fosse, Hipsípila não faria a proposta a Jasão, ou pelo menos não a reiteraria, quando ele parte.

Em suma, a capacidade estratégica feminina no âmbito da defesa do reino leva as lémnias a pensar em diferentes medidas de salvaguardar o seu território: primeiro, armam-se, pondo a hipótese de um confronto bélico; depois, pensam em enviar aos argonautas oferendas, para os manter distantes das suas muralhas; por fim, propõem-lhes a união sexual. Em todos os atos previstos a iniciativa, e o ponto de vista apresentado, pertence-lhes. Assim, são elas que realizam o terceiro plano, que é dos três previstos, o único que se concretiza, cabendo-lhes não apenas a diligência do envio da embaixada aos jovens gregos, mas também a escolha do macho a quem se uniriam:

As jovens levavam-nos facilmente para as suas casas  
como hóspedes (1.848-9)

Há uma inversão de posições entre predador e presa: primeiro, são elas, e não eles, que se apercebem da urgência da cópula; depois, são elas que conduzem os homens para as suas casas. Eles vão, pela mão delas, sem resistência, para um leito que não escolhem. Elas são, portanto, o elemento sexualmente ativo. A situação inverte, no papel atribuído ao feminino, a do leão que busca a fêmea pela floresta, descrita num símile do livro IV (4.1338-9). A diferença consiste em que elas sabem onde estão os machos, que se lhes oferecem, em caterva<sup>17</sup>, pelas ruas da cidade. Na verdade, o leão, a quem é comparado Jasão quando brada pelos companheiros, ruge por sentir falta da fêmea. Ainda que a sensação das predadoras de Lemnos seja já a de satisfação pela certeza da cópula, a premência sexual e a iniciativa cabe às mulheres, tal como, no símile, cabe ao leão.

Aliás, se considerarmos que o verbo *μεθέπω* – usado no símile para designar a busca, por parte do elemento sexualmente ativo, do elemento passivo – tem na *Argonáutica* sempre esta aceção específica<sup>18</sup>, concluímos que Hipsípila coloca a possibilidade de os argonautas sentirem desejo de se unirem a elas quando as vissem. Na verdade, a rainha, quando delineia o plano de manter os jovens gregos longe das muralhas da cidade, usa o lema *μεθέπω* para se referir ao ato hipotético de aqueles irem à procura delas:

---

<sup>17</sup> Sabemos que os argonautas eram cerca de cinquenta e destes só um pequeno número ficou com Hércules junto da nau (1.855-6).

<sup>18</sup> Apolónio pode ter sido influenciado pela conotação erótica do termo em Sapph. fg. 94, v.8 Page.

“Vamos, amigas! Ofereçamos aos homens presentes  
deleitosos, para que fiquem fora das nossas muralhas:  
víveres e vinho delicioso, que poderão levar consigo na nau;  
e, no preciso momento em que *viriam à nossa procura*, não haja risco  
de compreenderem com rigor o que sucedeu. (1.657-61)

A hipótese colocada é, aliás, coerente com o que os próprios maridos haviam feito com as trácias que levaram para Lemnos como cativas, depois de pilhar o seu território (1.611-4). O acasalamento vai, sem dúvida, acontecer; no entanto, resultará de uma iniciativa feminina em todos os sentidos. A atribuição de um papel sexualmente ativo à mulher não será o reflexo de uma sociedade em que esta começa a ter uma autonomia que lhe permite até gerir o seu património<sup>19</sup>?

## 2. Drépane: a voz política de Arete

Tal como o Egito ptolemaico fora e era governado por um soberano e sua mulher, de forma absoluta, assim Arete e Alcínoo governam Drépane. Não há partilha de poder com outros reis nem um conselho que se reúna para tomar decisões, como na *Odisseia*. Arete e Alcínoo são a imagem dos reis ptolemaicos também nos laços de sangue que os unem. De facto, se na versão homérica aparecem como sobrinha e tio (*Od.* 7.53-68), segundo um escoliasta alexandrino de Hesíodo seriam irmãos. O casamento entre irmãos é a união perfeita não só porque emula a do par divino, Zeus e Hera, mas também pelas vantagens dinásticas, além de que se insere na tradição dos casamentos reais dos Faraós<sup>20</sup>.

Em Drépane, os argonautas apercebem-se de que estão a ser perseguidos por um grupo de colcos. Já haviam arrebatado o velo e superado o obstáculo que fora a anterior expedição de resgate de Medeia, liderada pelo irmão desta, Absirto<sup>21</sup>. A jovem princesa, que antes recorrera ao estratagema de urdir um plano fatal para o irmão, sobressalta-se de novo com a possibilidade de ter de regressar à casa paterna. Por isso pede aos argonautas, por um lado, e a Arete, por outro, que não a entreguem ao seu povo (4.1011-3). A situação é de extrema gravidade, na medida em que dela pode advir um

---

<sup>19</sup> Cf. Noble (2008: 102). Lembremos que Arsínoe, depois de enviudar de Lisímaco, tomou o controlo das tropas que permaneceram fiéis ao seu marido e contratou mercenários, sendo responsável por alguns confrontos militares; cf. Pomeroy (1990: 16).

<sup>20</sup> Cf. Hunter (1993: 161-2); Mori (2008: 96-7); Buraselis (2008: 298). Teócrito (17.128-134) vê os reis Ptolemeu II e Arsínoe II como imagem de Zeus e Hera.

<sup>21</sup> Sobre a morte de Absirto como o acontecimento fulcral do livro IV da *Argonáutica* cf. Sousa (2013). Sobre a importância da morte de Absirto na construção da personagem Medeia cf. Sousa (2013<sup>b</sup>).

conflito de proporções internacionais. Alcínoo está ciente disso, pois, em resposta ao pedido da sua mulher no sentido de ajudar a princesa, explica que proteger Medeia poderia desencadear uma guerra entre a Cólquida e a Hélade<sup>22</sup>.

Alcínoo, no entanto, não estranha o pedido que a rainha lhe dirige em casa, à noite, pois seria hábito o rei conversar com a rainha sobre assuntos de estado: “como era costume” é a expressão usada pelo narrador para se referir ao diálogo entre o casal (4.1068). A rainha surge, assim, na retaguarda do rei como sua conselheira, talvez como seria Arsínoe II para Ptolemeu II<sup>23</sup>.

No momento do circunlóquio o epíteto não homérico de Arete, πολυπότνια, “muito venerável” (4.1069), permite estabelecer uma relação com as rainhas ptolemaicas, que eram divinizadas. Na verdade, o qualificativo aparece no poema apenas mais duas vezes para designar Reia (1.1125, 1151). No Egito ptolemaico, apesar de ser obscura a força social e política das rainhas<sup>24</sup>, Arsínoe II, mulher de Ptolemeu II, destaca-se pela sua determinação e coragem, pelos títulos e pelo relevo religioso<sup>25</sup>. Ela foi a primeira rainha ptolemaica a receber culto depois de morrer tanto em templos egípcios (os egípcios identificavam-na com Ísis) como em templos gregos. Ptolemeu Filadelfo fez todos os esforços para que o culto da sua mulher e irmã se tornasse popular e se difundisse: canalizou uma parte considerável da coleta dos impostos religiosos para o culto de Arsínoe e cunhou moedas com a efígie da rainha, adornada com os cornos de carneiro do deus Ámon, como se fossem brincos<sup>26</sup>. Também encontramos idêntica efígie de Berenice II, mulher de Ptolemeu III, em moedas, embora o seu culto fosse menos importante. Esta rainha foi associada a Io, a amada de Zeus que os gregos identificaram com Ísis<sup>27</sup>. Os festivais em honra de Arsínoe, designados *Arsinoeia*, estavam espalhados

---

<sup>22</sup> Mori (2008: 132, n. 164) vê neste cuidado em encontrar uma solução diplomática um reflexo da neutralidade de Ptolemeu II, quando, em 252 aC, procurou manter boas relações tanto com Cartago, como com Roma.

<sup>23</sup> Para Mori (2001: 89), a forma como Arete fala, aqueles a quem se dirige e o efeito das suas palavras refletem o modo de Arsínoe II desempenhava o seu papel político.

<sup>24</sup> Os estudiosos têm-se debruçado sobre a problemática questão da relevância das rainhas ptolemaicas, sobretudo de Arsínoe II. Mas a falta de fontes documentais torna impossível conhecer a natureza exata e a extensão do envolvimento da rainha nos assuntos internos. Cf. Hazzard (2000: 82-100); Pomeroy (1990:17-20); Mori (2001: 89; 2008: 98).

<sup>25</sup> Mori (2001: 89) segue Pomeroy (1990: 19), ao considerar que o título de Arsínoe como “Rei do Alto e Baixo Egito” denota uma importância inusual para uma rainha. Embora não consigamos conhecer a força política das rainhas ptolemaicas, o culto de que foram objeto, depois da sua morte, pode ser visto como reflexo da sua importância política; cf. Mori (2008: 101).

<sup>26</sup> Cf. Hölbl (1994: 103-ss).

<sup>27</sup> Sobre esta identificação cf. Hdt. 2.41.2; Diod. 1.24.8.

pelas zonas rurais e urbanas, nomeadamente Alexandria, e por várias cidades portuárias: ilhas de Delos, Chipre, Tera<sup>28</sup>.

Na argumentação que usa para defender Medeia, a rainha começa por fazer a apologia de uma aliança helénica, usando o argumento da “gratidão” e destacando a importância da proximidade geográfica do povo que precisa de ser ajudado:

“Sim, querido, vá lá, protege dos colcos esta donzela,  
plena de aflições, por gratidão para com os mínios. Argo está  
próxima da nossa ilha, assim como os homens de Hemónia.  
Eetes não habita perto de nós e nem sequer conhecemos Eetes,  
apenas ouvimos falar dele. (4.1073-7)

No entanto, tratava-se de ajudar não os mínios, ou seja, os gregos, mas Medeia, que era colca – fora a princesa colca que solicitara ajuda aos reis de Drépane. Os gregos que a levavam consigo, ou seja, os argonautas não haviam pedido auxílio. Arete não fala da possibilidade de Alcínoo desencadear uma guerra com o apoio dado a Medeia, mas sabe por certo que essa possibilidade existe, faça o rei o que fizer. Ajudar podia deixar os colcos indignados e levá-los a atacar; não ajudar colocaria Alcínoo do lado dos colcos. Assim, a rainha tem de estrategicamente guiar o marido até à solução política que permita dar o apoio pretendido com o menor risco possível para o reino<sup>29</sup>.

É na argumentação seguinte, de natureza pessoal, aquela que visa cada um dos implicados na questão familiar – Jasão, Medeia e Eetes –, que Arete demonstra a sua astúcia política e capacidade demagógica. Primeiro, responsabiliza o marido pelo perjúrio de Jasão que aconteceria se ele entregasse Medeia aos colcos, recorrendo à expressão αὐτὸς ἐκὼν, “tu mesmo, pela tua vontade” (4.1086); a seguir, responsabiliza-o pelo castigo atroz que a jovem receberia de seu pai, usando a expressão σεῖο ἕκῃτι, “por tua causa” (4.1087).

A participação de Alcínoo no eventual perjúrio de Jasão é uma falácia, porquanto é uma deslocação ardilosa de responsabilidades. Ao tornar o rei de Drépane o garante do juramento de Jasão, ou seja, o garante da conduta helénica do argonauta, a rainha imputa-lhe um dever que extravasa a relação entre anfitrião e hóspede. Em nome da hospitalidade, Arete tenta criar um sentimento de culpa no marido. O mesmo procura fazer ao usar o argumento do castigo paterno. No primeiro caso, o sentimento de culpa

---

<sup>28</sup> Cf. Hölbl (1994: 104).

<sup>29</sup> Discordamos de Mori (2001: 96; 2008: 132), quando defende que, neste episódio, a rainha é somente uma “strong lobbyist” e a estratégia diplomática quem a tem é Alcínoo.



de Alcínoo relaciona-se com a conduta de Jasão; no segundo, advém do que sucederá a Medeia.

São três as histórias das jovens castigadas pela figura paterna referidas por Arete para mover a piedade do seu interlocutor: Antíope, seduzida por Zeus, a qual não chega a ser castigada pelo pai, que morre subitamente; Dánae, lançada ao mar num esquife por Acrísio de Argo, seu pai, depois de ter concebido de Zeus; Métope, ou Anfissa, cegada pelo pai, depois de ter sido seduzida. Há uma gradação de imagens: de um castigo pensado pelo pai, mas não aplicado, passando pelo desamparo de uma jovem largada no mar, até à atrocidade de um pai cegar a filha, cravando-lhe agulhões nos olhos. A última história ganha mais força pela selvajaria do ato, por ser a última a ser contada, pela extensão da descrição e, uma vez mais, por um argumento que é muito caro a Arete: o da proximidade geográfica, e até temporal: “e não longe daqui, recentemente” (4.1092).

Estas histórias têm em comum a sedução da jovem, a oposição e o castigo do pai, e, nos dois primeiros casos, a concepção de uma criança. Com estes exemplos Arete está a lembrar a Alcínoo que, se Medeia se encontrasse numa situação semelhante mereceria ser defendida. Assim, o rei, depois das palavras da rainha, decide defender Medeia, se esta já se tivesse unido a Jasão, como as jovens mencionadas por Arete se uniram aos seus amantes; e fala na hipótese de estar grávida, sugestionado pelas duas primeiras histórias:

Irei proferir uma sentença que entre todos os homens  
há de ser considerada a melhor, parece-me. Não ta esconderei.  
Se ela for ainda uma donzela levo-a diretamente  
a seu pai, se já partilha o leito com o homem,  
não a levarei para longe de seu esposo, nem oferecerei  
a inimigos o descendente que pode trazer nas entranhas. (4.1104-9)

Neste caso a ajuda não infringiria a justiça de Zeus, protetor dos hóspedes, referida por Alcínoo<sup>30</sup>. Para os gregos, Jasão, e não Eetes, tem juridicamente poder sobre Medeia, desde que consumada a união. Arete fala com palavras que o narrador qualifica como “densas de sentido”, *πύκινον ἔπος* (4.1111), porque são capciosas. A partir dos

---

<sup>30</sup> E também fica descartada a possibilidade de uma guerra de Tróia às avessas, em que os Colcos desempenhariam o papel de aqueus. De facto, a inversão de papéis só aconteceria se Alcínoo defendesse Medeia sem legitimidade jurídica e daí adviesse uma guerra entre colcos e helenos. Hunter (1993: 161) lembra que, na preocupação demonstrada por Alcínoo com a justiça de Zeus, o rei coloca-se do lado deste deus, enquanto Arete se associa a Hera, na proteção que quer dar a Medeia e na revelação das palavras de Alcínoo (4.1199-1200).

exemplos apresentados o rei percebe como tem de ser a sua decisão pública. Aliás, só a imediata compreensão desta solução pode explicar a reação de satisfação que o rei sente (4.1096-7). De outro modo, como se explicaria que imagens de castigos atrozes e de uma guerra temível entre a Hélade e a Cólquida provocassem satisfação em Alcínoo e imediata tranquilidade? Alcínoo adormece de imediato (4.1110), porque encontra a fundamentação jurídica que lhe permitirá fazer o que Arete lhe pedira; e sabe que a mulher compreendera a intenção, também ela dúplice, da sua antecipada revelação e que ela agirá em conformidade<sup>31</sup>.

De facto, a intenção do rei só se completa se Arete entender a razão da sua revelação<sup>32</sup>. As suas palavras são, tal como as palavras da rainha, “densas de sentido”, *πύκινον ἔπος* (4.1200). Compreendendo o propósito de Alcínoo, a rainha envia a Jasão, de noite ainda, um arauto para o instigar ao casamento. Alcínoo e Arete exercem, portanto, o poder em situação de complementaridade, ainda que a rainha atue sem evidência pública.

Com o envio do arauto que dará a conhecer a deliberação que Alcínoo tornará pública no dia seguinte, Arete não só age politicamente como se destaca pelo papel que assume do ponto de vista social. De facto, quando desencadeia o ato que legitima que o reino de Drépane proteja Medeia, está a entregar a jovem em casamento, ou seja, a realizar a *ἔκδοσις*, que cabia habitualmente ao pai, ou a outro homem que o representasse. Mas numa época em que o homem viajava amiúde e era frequente a jovem em idade núbil ficar em casa apenas com a mãe, esta assumiria cada vez com mais frequência aquele papel; aliás, o protocolo egípcio seria bastante menos rígido a este respeito do que o grego<sup>33</sup>.

Em suma, é possível ver no relevo social e nas estratégias políticas destas duas rainhas da *Argonáutica* um reflexo de Arsínoe II, numa perspectiva cronológica: de uma Arsínoe, ainda rainha da Trácia, que procura assegurar o seu domínio político com uma aliança matrimonial, tal como Hipsípile sente que tem de fazer, para a Arsínoe II, rainha do Egito que governa o reino ao lado do irmão, como Arete ao lado de Alcínoo, com uma discrição que não lhe retira peso político. Ainda que não se possa falar de paridade de

---

<sup>31</sup> Para Mori (2001: 97) Alcínoo adormece a seguir à conversa com Arete, porque está à espera que a rainha atue. Nós diríamos que ele sabe que ela vai atuar e que a sua tranquilidade resulta do facto de ela lhe ter dado, por meio dos exemplos, a solução para o problema.

<sup>32</sup> Também para Mori o rei adormece imediatamente porque está à espera que a rainha aja (2001: 97).

<sup>33</sup> Os documentos de casamentos gregos oriundos do Egito referem ambos os progenitores como responsáveis pela entrega da jovem em casamento (Mori 2008: 137, sobretudo n. 175, 176 e 177).

gênero, nem no poema nem na sua época, há uma complementaridade entre masculino e feminino, evidente no símile em que se compara o apolíneo Jasão, depois da conquista do velo, a uma donzela, no ambiente noturno da lua e do sonho (4.167-173). A conduta de personagens como Hipsípila ou Arete, capazes de porem em prática estratégias políticas, sozinhas ou ao lado de uma figura masculina, é o reconhecimento do papel da mulher na sociedade helenística. Homens e mulheres interagem e sem essa interação não conseguiriam os seus intentos; disso é exemplo a missão da busca do velo levada a cabo pelos argonautas, inalcançável sem Medeia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brazil, W. (2000), “Alexandria: the Umbilicus of the Ancient World”, in R. MacLeod (ed.), *The Library of Alexandria: Centre of Learning in the Ancient World*. London, New York: I.B. Tauris Publishers, 35-59.
- Buraselis, K. (2008), “The Problem of the Ptolemaic Marriage. A case of dynastic acculturation?”, in P. McKechnie & P. Guillaume (eds.), *Ptolemy II. Philadelphus and his world*. Leiden, Boston: Brill, 291-302.
- Clare, R.J: (2002), *The Path of Argos. Language, imagery and narrative in the Argonautica of Apollonius Rhodios*. Cambridge: University Press.
- Finkemann, S. (2015), “Polyxo and the Lemnian Episode – An Inter- and Intratextual Study of Apollonius Rhodius, Valerius Flaccus, and Statius”, *Dyctinna, Revue de poétique latine* 12, <https://journals.openedition.org/dictynna/1135> (acesso: 28.10.2018).
- Hammond, N.G.; Walbank, F.W. (1988), *A History of Macedonia vol. III: 336-167 B.C.* Oxford: Clarendon Press.
- Hazzard, R. A. (2000), *Imagination of a Monarchy: Studies in Ptolemaic Propaganda*. Toronto: University of Toronto Press.
- Hölbl, G. (1994), *A History of the Ptolemaic Empire*, transl. T. Saavedra (2001). London, New York: Routledge.
- Hunter, R. (1993), *The Argonautica of Apollonius. Literary Studies*. Cambridge, University Press.
- Júnior, F.R. (2018), “Héracles e o heroísmo nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes”, *Cadernos Letras da UFF*, nº 28, n.56: 203-221.
- Macleod, R. (2000), “Introduction: Alexandria in History and Myth”, in R. MacLeod

- (ed.), *The Library of Alexandria: Centre of Learning in the Ancient World*. London, New York: I.B. Tauris Publishers, 1-15.
- Mori, A. (2001), “Personal Favor and Public Influence: Arete, Arsinoë II, and the *Argonautica*”, *Oral Tradition* 16/1: 85-106.
- Idem (2008), *The Politics of Apollonius Rhodius’ Argonautica*. Cambridge: University Press.
- Murray, J. (2014), “Anchored in Time: the Date in Apollonius’ *Argonautica*”, in M.A. Harder, R.F. Regtuit, G.C. Wakker (eds.), *Hellenistic Poetry in Context*. Leuven, Paris, Walpole: Peeters, 247-277.
- Noble, T.; Strauss, B.; Osheim, D.; Neuschel, K. et alii (2013, 7ª ed), *Western Civilization Beyond Boundaries*, to 1715. Vol. 1. Boston: Wadsworth Cengage Learning (Kindle Edition).
- Oliveira, F. (2013), “O crime político das mulheres de Lemnos. De Apolónio a Valério Flaco”, in: C. Pimentel & P. Alberto (eds.), *Vir bonus peritissimus aequae. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, 143-156.
- Pomeroy, S. (1990, 2ª ed.), *Women in Hellenistic Egypt: From Alexander to Cleopatra*. Detroit: Wayne State University Press.
- Sales, J. C. (2017), “A moeda como meio de propaganda: O caso paradigmático do Egito Ptolemaico”,  
[http://www.acad-ciencias.pt/document-uploads/8136196\\_sales,-jose---Egito-ptolomaico.pdf](http://www.acad-ciencias.pt/document-uploads/8136196_sales,-jose---Egito-ptolomaico.pdf) (acesso: 1.10.2018)
- Sousa, A.A. (2013), “Apolónio de Rodes 4.1-5: uma teia de sentidos”, in C. Pimentel & P. Alberto (eds.), *Vir bonus peritissimus aequae. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, 133-141.
- Idem (2013<sup>b</sup>), “A Metamorfose de Medeia na *Argonáutica* de Apolónio de Rodes”, *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, nº 23, n. 1: 73-82.
- Stephens (2010), “Ptolemaic Alexandria”, in Clauss & Cuypers (eds), *A Companion to Hellenistic Literature*. Blackwell: Wiley Blackwell, 46-61.

#### LINKS DE TEXTOS ANTIGOS CONSULTADOS:

<http://stephanus.tlg.uci.edu/>

<http://www.forumromanum.org/literature/justin/texte24.html>